

## **Jornalismo Narrativo em Podcast e mudanças climáticas: estratégias para sensibilização da audiência<sup>1</sup>**

Stefanie Machado <sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo identificar as estratégias utilizadas pelo narrador-jornalista em busca de sensibilizar a audiência sobre as mudanças climáticas, tendo como bases teóricas o Jornalismo Narrativo em Podcast (Kischinhevsky, 2018; Lindgren, 2020; Viana, 2022) e o Jornalismo Ambiental (Belmonte, 2017; Bueno, 2007; Loose e Girardi, 2017). O objeto empírico escolhido foi o podcast *Tempo Quente*, da *Rádio Novelo*. Com uma abordagem qualitativa, o método adotado foi a análise crítica da narrativa, proposta por Motta (2013). Foram identificadas estratégias argumentativas que produzem efeitos de real e efeitos estéticos de sentido, cujo objetivo é trazer veracidade ao relato, humanizar os fatos brutos e sensibilizar a audiência.

### **Palavras-chave**

Jornalismo Narrativo; podcast; Jornalismo Ambiental; mudanças climáticas; sensibilização.

### **Introdução**

Publicado em 2023, o Sexto Relatório de Avaliação (AR6) do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) mostrou, mais uma vez, como as atividades humanas, responsáveis pela emissão de gases de efeito estufa (GEE), estão impulsionando o aquecimento global. O documento cita, por exemplo, a possibilidade de um aumento de chuva e inundações em todas as regiões do mundo, incluindo a América do Sul, se o planeta continuar esquentando. Essa projeção depende das futuras emissões de GEE: no melhor cenário previsto, com baixíssima emissão, o aumento da temperatura global poderá ser de 1,0 °C a 1,8 °C maior do que no período pré-industrial (1850-1900); no pior cenário estimado, com emissões elevadas de gases de efeito estufa, poderá ser de 3,3°C a 5,7°C. Essa crise climática

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Eixo Temático C (Estratégias comunicacionais em eventos climáticos extremos) do XVII Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Ciberultura. Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizado nos dias 4 a 6 de dezembro de 2024.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC), bolsista Capes DS, e-mail: stefanie.machado@posgrad.ufsc.br.

sem precedentes já apresenta consequências irreversíveis e leva a eventos climáticos extremos que colocam a vida em risco, a exemplo de ondas de calor, secas e enchentes. Diante desse alerta vermelho, a emergência climática exige conscientização global e atitudes imediatas, individuais e coletivas.

Nesse contexto, formular estratégias de comunicação é essencial para tornar as informações científicas públicas e acessíveis, além de engajar as pessoas (Loose, 2021). Assim como a comunicação, o jornalismo objetiva a “circulação e a troca de experiências, emoções, informações e conhecimentos” (Bueno, 2007, p. 33). Por isso, entende-se que os produtos jornalísticos têm o potencial não apenas de informar, mas também de sensibilizar os cidadãos sobre temas importantes, como as mudanças climáticas. “Mesmo reconhecendo-se os limites dos efeitos do jornalismo, acredita-se que existe uma potencialidade na sua prática em razão de sua legitimidade e vasto alcance” (Loose; Girardi, 2017, p. 157).

Notícias e reportagens sobre mudanças climáticas podem ser encontradas com maior frequência e profundidade em uma especialização chamada de Jornalismo Ambiental (JA), primeiro conceito abordado neste trabalho. Segundo Bueno (2007), o JA tem o papel de informar, educar e engajar os cidadãos politicamente sobre o meio ambiente. Além disso, aborda temas como proteção da fauna e da flora, poluição em diferentes formas (como a sonora ou a visual, por exemplo), produção de energia e mudanças climáticas, etc. Isso coloca essa especialização como multidisciplinar e, portanto, suas pautas podem aparecer em diferentes editoriais, como cotidiano, economia e tecnologia (Bueno, 2007). Para Loose e Girardi (2017), o Jornalismo Ambiental, por meio do seu compromisso com o meio ambiente e a cidadania, possui uma atuação essencial para tornar públicos os trabalhos científicos e as discussões sobre as mudanças climáticas.

O Jornalismo Ambiental pode ser parte da cobertura jornalística junto a outros temas ou ser o assunto central de um veículo, além de estar presente nas mais variadas mídias e ambientes, dos jornais impressos às *newsletters* da internet (Bueno, 2007). Neste estudo, o foco é olhar para essa especialização no contexto dos podcasts, formato que tem conquistado audiências desde

2004 (Kischinhevsky, 2018). Duas décadas depois, o PodPesquisa 2024-2025<sup>3</sup>, estudo conduzido pela Associação Brasileira de Podcasters (ABPod), estima que existam 31,94 milhões de ouvintes de podcast no Brasil. O estudo também mostrou que 40,23% dos consumidores consultados durante a pesquisa ouvem podcasts diariamente, indicando a relevância desse meio na rotina dos brasileiros.

Segundo Schäfer e Painter (2020), os estudos sobre notícias relacionadas ao clima ainda são majoritariamente focados na análise de textos, sugerindo que poucos trabalhos se debruçam sobre outras mídias, como o áudio. Além disso, Loose (2021) destaca que as pesquisas em comunicação costumam observar a cobertura sobre mudanças climáticas feita por veículos hegemônicos, mas a mídia independente ou alternativa também oferece contribuições importantes como objeto de análise. Portanto, esse trabalho se justifica pela necessidade urgente de encontrar novas estratégias para sensibilizar a audiência sobre uma temática que só se torna visível quando é tarde demais para evitar seus danos (Loose; Girardi, 2017). Por conta da sua proximidade com o ouvinte, o Jornalismo Narrativo em Podcast, segundo conceito abordado nesta pesquisa, parece ser um caminho viável neste sentido.

Diante do contexto apresentado, este trabalho tem como objetivo identificar as estratégias utilizadas pelo narrador-jornalista em busca de sensibilizar a audiência sobre as mudanças climáticas. Para a análise, o objeto empírico escolhido foi o podcast *Tempo Quente*, da produtora independente *Rádio Novelo*, pela temática relacionada à emergência climática e pela produção ter sido finalista da 44ª edição do Prêmio Vladimir Herzog<sup>4</sup>. Para atingir o objetivo proposto, a metodologia adotada foi a análise crítica da narrativa (Motta, 2013), cujos procedimentos permitem analisar a performance do narrador. Ainda, foram adotadas como bases teóricas os conceitos de Jornalismo Ambiental (Belmonte, 2017; Bueno, 2007; Loose e Girardi, 2017) e Jornalismo Narrativo em Podcast (Kischinhevsky, 2018; Lindgren, 2020; Viana, 2022), que serão desenvolvidos a seguir.

---

<sup>3</sup> Disponível em: [https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa\\_2024\\_2025FINAL-1.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf). Acesso em: 30 dez. 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/premio-vladimir-herzog-anuncia-os-finalistas-da-44a-edicao>. Acesso em: 03 out. 2024.

## O Jornalismo Ambiental e as mudanças climáticas

Com bases no Jornalismo Científico, o Jornalismo Ambiental é uma especialização da atividade jornalística que surgiu por conta da necessidade de aprofundamento das informações (Belmonte, 2017). No Brasil, consolidou-se a partir da década de 1980. Segundo Belmonte (2017), essa especialização produz reportagens que problematizam questões ambientais e que são geralmente influenciadas pelo ativismo ecológico. Ou seja, o jornalista ambiental aborda pautas ambientais “a partir de um ponto de vista diferenciado, engajado, envolvido” e “olha além das consequências, em busca das causas e soluções dos problemas ambientais” (Belmonte, 2017, p. 119). Esse fazer jornalístico rompe com a suposta imparcialidade do jornalismo diário “ao tomar partido em favor da sustentabilidade, do uso racional dos recursos naturais, do equilíbrio que deve reger as relações do homem com a natureza” (Trigueiro, 2005, p. 300, apud Belmonte, 2017, p. 120).

Bueno (2007) corrobora as visões de Trigueiro e Belmonte ao afirmar que o Jornalismo Ambiental tem função informativa, pedagógica e política. A primeira atribuição refere-se à necessidade de atualizar a população em relação às principais questões que afetam o meio ambiente e a qualidade de vida das pessoas, como hábitos de consumo, diferentes formas de poluição e destruição da biodiversidade. O JA também tem caráter educativo, isto é, cabe ao jornalismo não apenas relatar os fatos, mas buscar as causas e apresentar caminhos de enfrentamento aos problemas ambientais. Por fim, o autor destaca a função política (e não partidária) do Jornalismo Ambiental, que deve agir para mobilizar a sociedade em defesa do meio ambiente. Isso inclui fiscalizar empresas que prejudicam os espaços naturais em prol do desenvolvimento de seus negócios e governantes que se omitem diante dos problemas ou não estabelecem políticas públicas para frear a degradação ambiental (Bueno, 2007).

O Jornalismo Ambiental é, antes de tudo, jornalismo (que é o substantivo, o núcleo da expressão) e deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate. Não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios (Bueno, 2007, p. 36).

Para o autor, o JA deve ser multidisciplinar e ir contra a fragmentação para não enfraquecer a cobertura ambiental. “Esta especialidade do jornalismo deve construir o seu

próprio *ethos*, ainda que compartilhe parcela significativa de seu DNA com todos os jornalismo (especializados ou não) que se praticam por aí” (Bueno, 2007, p. 36). Por outro lado, a cobertura jornalística sobre meio ambiente pode apresentar falhas, nomeadas pelo pesquisador como “síndromes”, que a impedem de cumprir com as funções listadas anteriormente. A síndrome do “zoom” ocorre quando se foca em um aspecto da cobertura ambiental e, por consequência, acaba fragmentando-a e limitando-a a um único olhar, seja político ou científico, etc. Já com a despolitização dos produtos jornalísticos, há apenas o registro do acontecimento, sem a busca pelas causas e as consequências dos problemas, resultando na síndrome do “muro alto”. Outro problema apontado por Bueno (2013, p. 56) é quando o jornalismo se reduz ao uso de fontes oficiais, legitimamente autorizadas a dar declarações e com “excelente currículo Lattes”, e ignora qualquer outra pessoa que tenha sido afetada diretamente por um problema ambiental, como as mudanças climáticas. Já a síndrome de “indulgências verdes” relaciona-se com a prática do chamado *marketing verde*, quando se apresentam soluções parciais ou com pouco efeito para uma questão ambiental complexa. Por fim, a síndrome da “baleia encalhada” é a espetacularização de eventos climáticos, tratados pelos veículos como meros casos isolados, sem investigar e apresentar os motivos que deram origem àquele fato.

Neste contexto, Loose e Girardi (2017) apresentam as bases do Jornalismo Ambiental, identificadas pelas autoras em reportagens especializadas e que podem ser solução às síndromes da cobertura jornalística sobre meio ambiente apontadas por Bueno (2007). A primeira é a ênfase na contextualização, como uma tentativa de superar a fragmentação, por meio de uma apuração profunda que irá investigar as causas e as consequências dos problemas ambientais. A pluralidade de vozes também deve ser uma das bases do JA, isto é, ir além das fontes que possuem autoridade científica, política ou econômica. Outro aspecto apontado pelas autoras é internalização do saber ambiental, que sugere a necessidade de novos valores e uma nova forma de pensar o jornalismo. A cobertura deve ser sistêmica e próxima à realidade da audiência. Ademais, Loose e Girardi (2017) ressaltam o compromisso com a qualidade da informação — que deve combinar a militância a favor do meio ambiente aos critérios rigorosos de apuração jornalística — e com a promoção da mudança de pensamento. Todos esses aspectos

fundamentam a cobertura sobre as mudanças climáticas, que por vezes só se tornam visíveis para a população por meio da imprensa (Loose; Girardi, 2017).

No mesmo período em que o Jornalismo Ambiental se consolidava no Brasil, a cobertura jornalística sobre mudanças climáticas começava a conquistar espaço em outros países. Foi nesse momento, de acordo com Loose e Girardi (2017), que o debate científico se ampliou e chegou à sociedade, ainda que inicialmente concentrado nos Estados Unidos, e a população começou finalmente a tomar ciência do que seria o aquecimento global. Conforme as autoras, outro marco importante foi a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (a Rio-92) que, com a criação do IPCC em 1988, ajudou a levantar, pela primeira vez, a possibilidade de que o aquecimento global seria resultado das emissões constantes de gases de efeito estufa decorrentes das atividades humanas. A partir daí, relatórios científicos e dados estatísticos sobre clima passaram a eventualmente ser pauta na imprensa. Neste sentido, as mudanças climáticas costumam aparecer na mídia sempre que um relatório novo é divulgado ou quando os riscos se transformam em tragédias, isso porque o jornalismo vive de acontecimentos e não de previsões (Loose; Girardi, 2017). Em tempos de tragédias anunciadas, as autoras destacam a importância da comunicação de risco nas notícias, a inclusão do princípio da precaução e o enquadramento ao nível local.

Quanto à sensibilização do público, Loose (2021, p. 30) afirma que o jornalismo pode ampliar ou ocultar os efeitos das mudanças climáticas e, quando age para tornar visível, deve “ter cuidado com a tênue linha que separa o alerta do alarmismo”. Na tentativa de alcançar a objetividade, o jornalista pode ceder o mesmo espaço para cientistas do clima e negacionistas, mas um debate com pesos iguais, nesses casos, não favorece a compreensão do público, como apontam Loose e Girardi (2017). Por isso, as autoras enfatizam a importância das bases do Jornalismo Ambiental para ultrapassar a superficialidade da cobertura sobre o clima. Dessa forma, as mudanças climáticas

não podem ser reduzidas apenas a efeitos, debates políticos sobre responsabilização das causas, discussão científica sobre certezas e incertezas ou mesmo sobre soluções tecnológicas para mitigá-las. É preciso que se relacionem as facetas do fenômeno e que o clima seja percebido como um aspecto que altera o mundo em que vivemos e aquilo que conhecemos, ou seja, como algo fundamental para planejarmos o futuro (Loose, Girardi, 2017).

## Voz autoral e sensibilização no Jornalismo Narrativo em Podcast

O Jornalismo Ambiental e o Jornalismo Narrativo em Podcast compartilham características em comum. Os conceitos se aproximam, por exemplo, ao se afastarem da suposta neutralidade do jornalista. Também exigem tempo e espaço nos veículos e, dessa forma, não combinam com a produção apressada das *hard news*. Em geral, partem de uma apuração aprofundada que permite contextualização e costumam apresentar pluralidade de vozes.

Na literatura sobre o tema, *Serial* é frequentemente citado pelos autores como exemplo pioneiro de podcast narrativo de não ficção. A produção, que narra um caso de assassinado pela voz de Sarah Koenig, foi definida por Vicente (2024, p. 3) como um “verdadeiro divisor de águas na história do podcast”, inspirando outras produções ao redor do mundo mesmo após uma década desde seu lançamento. No Brasil, uma das primeiras produções de destaque foi o *Projeto Humanos*, idealizado por Ivan Mizanzuk, que buscava explorar elementos de *storytelling*. Sua quarta temporada, intitulada *O Caso Evandro*, teve mais cinco milhões de reproduções até maio de 2020 e ganhou uma versão em vídeo no Globoplay (Vicente, 2024).

Embora os podcasts narrativos de não ficção sejam populares por conta do *true crime*, como nas produções citadas acima, o formato permitiu o jornalismo mergulhar em outros temas. No cenário brasileiro, há produções que traçam perfil de personalidades relevantes, como o *Retrato Narrado*, da Revista Piauí, e *Presidente da Semana*, da Folha de São Paulo. Já o *Projeto Querino*, da Rádio Novelo, conta a história do Brasil a partir de um olhar afro-centrado, enquanto o *História Preta*, da B9, resgata memórias da população negra dentro e fora do território nacional. Outras produções, como o podcast *Tempo Quente*, objeto de análise deste trabalho, e *A Terra é redonda*, da Revista Piauí, abordam a crise climática e o meio ambiente.

De acordo com Kischinhevsky (2018), o gênero é marcado por histórias de interesse humano, reportagens investigativas e apuração extensa que permite a reconstituição de cenas e ambientes, com a intenção de sensibilizar a audiência e estabelecer conexões com os ouvintes. Neste contexto, McHugh (2021) compreende o podcast narrativo como uma história em áudio episódico, não ficcional, que combina voz, música e sons para criar um arco narrativo e, com

isso, constrói enredos tão elaborados quanto bons filmes. Dowling (2019) reforça a ideia da autora e acrescenta

Roteirizados e cuidadosamente editados, podcasts desse gênero têm raízes diretas na prática do jornalismo, mas adotaram uma estrutura associada ao documentário cinematográfico e ao romance, especialmente por meio de voz narrativa, som ambiente e música, um elenco de personagens estabelecido por meio de uma variedade número de entrevistados e prevalência do método de reportagem (Dowling, 2019, p. 125, tradução nossa)<sup>5</sup>.

Os podcasts narrativos apresentam efeitos e sonoplastia da linguagem radiofônica que permitem ao ouvinte recriar os cenários e ser transportado ao local dos acontecimentos (Freire; Lopez, 2011). Ao mesmo tempo, emprestam elementos do *New Journalism* da década de 1960 (Lindgren, 2020), ou jornalismo literário, termo utilizado por autores brasileiros. Essa aproximação é vista, por exemplo, quando os narradores contam detalhes que seriam dispensáveis em outros contextos jornalísticos, no qual há o predomínio da pirâmide invertida e os textos precisam ser enxutos em decorrência dos limites de tempo e espaço. Além disso, a narrativa em primeira pessoa e a subjetividade do jornalista são elementos principais do meio. Desse modo, o narrador não tem medo de compartilhar seus pensamentos, suas emoções e até mesmo críticas, fazendo da voz autoral uma das marcas do gênero. Lindgren (2020) e McHugh (2021) acreditam que essa forma de fazer jornalismo mais pessoal tem a capacidade de gerar uma resposta empática dos ouvintes. Viana (2022, p. 165) acrescenta que essa característica não impede o profissional de cumprir o seu papel de apurar os fatos e relatá-los da maneira mais próxima à realidade, uma vez que “a observação pessoal age como uma forma de aprofundamento dessa investigação”.

Os podcasts são *opt-in*, ou seja, oferecem ao usuário a liberdade de escolher o que e quando quer ouvir (McHugh, 2021). A audiência ganha autonomia com a possibilidade de pausar, retomar e consumir o conteúdo enquanto se movimenta. Por isso, permite ao consumidor ouvir em dispositivos móveis e com fones de ouvido, o que é favorável para a imersão dos

---

<sup>5</sup> No original: "Scripted and carefully edited podcasts in this genre have roots directly in the practice of journalism, but have adopted a structure associated with documentary cinema and the novel, especially by way of narrative voice, ambient sound and music, a cast of characters established through a variety of interviewees, and a prevalence of reportorial method"

ouvintes nos conteúdos de formato longo, segundo a autora. Aliás, o áudio, com o seu potencial imersivo (Dowling, 2019; Kischinhevsky, 2018; Viana, 2022), tem uma natureza íntima que aproxima o ouvinte e, com o uso de fones de ouvido, fortalece o vínculo com as vozes presentes na narrativa (Lindgren, 2020).

Por todas essas características mencionadas, o podcast narrativo também é um dos novos formatos digitais que configuram o jornalismo *longform* e integram o *slow journalism* (Dowling, 2019; Longhi; Winkes, 2024).

### **Podcast *Tempo Quente* na sensibilização sobre as mudanças climáticas**

Apresentado pela jornalista Giovana Girardi em oito episódios<sup>6</sup>, o *Tempo Quente* aborda questões relacionadas à crise climática, ao desmatamento, à matriz energética brasileira e ao uso de combustíveis fósseis. O podcast questiona por que o Brasil poderia ser uma referência ambiental, mas não assume essa posição, e investiga quem pode estar ganhando, temporariamente, com a crise que leva a eventos climáticos extremos. Trata-se de uma produção original da *Rádio Novelo*, produtora de podcasts como *Praia dos Ossos* (2020), *Crime e Castigo* (2022) e *Rádio Novelo Apresenta*<sup>7</sup>, fundada em 2019 no Rio de Janeiro.

Para a análise, o *corpus* escolhido foi o primeiro episódio de *Tempo Quente*, intitulado *Alerta Vermelho*<sup>8</sup>. Lançado nas plataformas digitais em 7 de junho de 2022, o episódio trata sobre a exploração e incentivo ao uso do carvão mineral pelo Governo Federal no sul de Santa Catarina. Essa escolha é motivada pela proximidade regional desta pesquisadora com o local retratado no episódio e, a partir dessa delimitação, buscou-se evitar uma análise superficial da narrativa. Com uma abordagem qualitativa, o percurso metodológico inclui escuta e leitura da transcrição do episódio. O método adotado foi a análise crítica da narrativa, proposta por Luiz Gonzaga Motta (2013), que oferece procedimentos para desvendar as estratégias utilizadas pelo narrador com a pretensão de sensibilizar a audiência sobre as mudanças climáticas. Para o autor,

---

<sup>6</sup> Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/tempoquente/>. Acesso em: 03 out. 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://radionovelo.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 18 dez. 2024.

<sup>8</sup> O episódio pode ser ouvido no site: <https://radionovelo.com.br/originais/tempoquente/alerta-vermelho/>. Acesso em: 14 out. 2024.

estudar narrativas “é refletir sobre o significado da experiência humana e sobre o que as narrativas realizam enquanto atos de fala” (Motta, p. 27).

Na proposta metodológica de Motta (2013), as narrativas podem ser estudadas em três níveis: plano da expressão (discurso), plano da estória (conteúdo) e plano da metanarrativa (tema de fundo). O primeiro diz respeito ao discurso e à superfície do texto onde o narrador constrói o enunciado por meio de recursos de linguagem. O segundo corresponde ao conteúdo, a sequência de ações, o enredo e a intriga, no qual o narrador constrói os sentidos. Por fim, o terceiro plano é o tema de fundo, onde estão as questões éticas e morais. Nesta análise, o foco recai principalmente sobre o plano da expressão, no qual a metodologia recomenda observar o uso de metáforas, hipérboles, ironia, ritmos, ênfases, recursos visuais e sonoros, entre outros recursos de linguagem que produzem efeitos de sentido. Assim, o objetivo é identificar as estratégias argumentativas, visto que toda narrativa “quer atrair, seduzir, envolver, convencer, provocar efeitos de sentido” (Motta, 2013, p. 196). Essas estratégias produzem, conforme o autor, *efeitos de real e efeitos estéticos*.

O primeiro episódio de *Tempo Quente* começa com Giovana Girardi relembando sua angústia ao ler o relatório do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), divulgado pela Organização das Nações Unidas (ONU) em agosto de 2021. Essa preocupação, segundo ela, era porque o texto apresentava um tom mais dramático comparado aos anos anteriores. Em seguida, a jornalista narra que, no mesmo dia, o Ministério de Minas e Energia publicou uma nota detalhando um novo programa que prometia o uso sustentável do carvão mineral com investimentos previstos de mais de R\$ 20 bilhões em 10 anos. Giovana aponta uma contradição do governo em querer financiar um combustível “jurado de morte” e “um dos principais responsáveis pela emissão dos gases que causam o aquecimento global” (Tempo..., 2022). Para falar sobre carvão mineral no Brasil, a jornalista visitou cidades como Criciúma e Capivari de Baixo, localizadas no sul de Santa Catarina, em virtude da forte atividade do setor nessa região do país.

Nesta análise, o foco se volta para as estratégias argumentativas utilizadas pela jornalista para sensibilizar e convencer a audiência do seu ponto de vista. Conforme Motta

(2013, p. 199), o narrador utiliza recursos de linguagem para provocar efeitos de real, isto é, “fazer com que os leitores e ouvintes interpretem os fatos narrados como verdades”. Uma das formas mais evidentes dessa estratégia, frequentemente presente em textos jornalísticos, é o uso de números e estatísticas para trazer maior precisão e rigor à narrativa, levando a audiência crer que aquelas informações são reais. No decorrer do primeiro episódio, que possui 56 minutos e 10 segundos de duração, Giovana cita dados estatísticos relacionados às mudanças climáticas, à produção de combustíveis fósseis e ao desmatamento em sete momentos diferentes, como neste trecho: “Pra você ter uma ideia, a cada 100 toneladas de carvão extraídas nas minas de Santa Catarina, cerca de 70 são rejeito. Dos 30% que sobram, 42% viram cinza. Quer dizer: menos de 20% do que é extraído vai de fato esquentar a caldeira da termelétrica” (Tempo..., 2022). Os dados mostram a realidade do cenário da produção de carvão no Brasil e sustentam o argumento da narradora sobre por que, em sua opinião, não faz sentido investir neste combustível. Enquanto a jornalista apresenta as informações, os efeitos sonoros estabelecem a ambientação e convidam o ouvinte para uma experiência imersiva (Viana, 2022).

Outra forma de provocar efeitos de real é a identificação sistemática de lugares e instituições, estratégia que busca situar o ouvinte na realidade, passar a ideia de precisão e tem função argumentativa (Motta, 2013). Ao narrar a distância entre lugares, por exemplo, a jornalista leva o ouvinte a imaginar o local. É o caso deste trecho: “Pra falar de carvão no Brasil, a gente precisa ir pra Santa Catarina. Mais especificamente pro sul do estado, pra Capivari de Baixo, que fica a uns 130 km de Florianópolis, e pro entorno de Criciúma, que fica 70 km mais pra frente” (Tempo..., 2022). Giovana também identifica instituições reconhecidas — por exemplo, ao citar o relatório da ONU e o Ministério de Minas e Energia no início do episódio —, estratégia para reforçar a veracidade do seu relato.

Nas *hard news*, formato predominante nos veículos jornalísticos, as notícias são elaboradas em terceira pessoa e apresentam uma linguagem direta que visa à objetividade por meio do lide<sup>9</sup>. Por outro lado, ao se libertarem das regras rígidas do jornalismo diário, os textos jornalísticos ganham contornos dramáticos e o repórter tem autonomia para “criar, relatar e

---

<sup>9</sup> No lide, primeiro parágrafo de uma notícia, o texto deve responder às perguntas: o quê, quem, onde, quando, como e por quê.

contar em uma linguagem quase literária ou quase ficcional” (Motta, 2013, p. 96). Com isso, o jornalista pode até mesmo narrar uma história em primeira pessoa, prática comum nos podcasts narrativos, conforme visto em *Tempo Quente*. Segundo o autor, é a partir dessa liberdade concedida para imaginar e criar que surgem os *efeitos estéticos de sentido*. Esses, por sua vez, pretendem causar reflexões e despertar emoções na audiência por meio de interpretações subjetivas da narrativa. Motta (2013, p. 203) explica que esse tipo de estratégia gera identificação do ouvinte com a narrativa, facilita a compreensão e “humaniza os fatos brutos”. Neste trabalho, observa-se a produção de efeitos estéticos a partir de duas estratégias recorrentes ao longo de todo o episódio: a linguagem informal e a narrativa em primeira pessoa. Para Lindgren (2020), o estilo informal e o tom pessoal dos apresentadores, semelhante a uma conversa entre amigos, têm relação com a natureza íntima da mídia sonora, como observado a seguir.

Em uma madrugada de agosto do ano passado, 2021, eu tava com essa bomba na mão. Não só eu, na verdade... todos os jornalistas que cobrem meio ambiente no mundo receberam a mesma missão. O IPCC – que é o painel intergovernamental sobre mudanças climáticas da ONU – solta, de tempos em tempos, um relatório sobre o “estado das coisas”, digamos assim, dividido em três partes. Naquele dia, ia ser divulgada a primeira. A cada novo relatório, os cientistas do IPCC trabalham com uma quantidade maior de dados, o que aumenta a certeza sobre o que eles tão falando. Eu já tinha escrito sobre relatórios anteriores, mas a minha sensação era de que aquele texto tava diferente. Mais dramático (Tempo..., 2022).

Logo na primeira frase, Giovana Girardi apresenta indícios de que ela tinha um problema grave para resolver. O relatório do IPCC era como “uma bomba na mão prestes a explodir”, que simboliza a urgência acerca das mudanças climáticas. Neste momento, efeitos sonoros de “bomba-relógio” e “explosão” acompanham a fala da jornalista. Ainda, sua escolha de palavras tem efeito catártico, revelando sentimentos de angústia quanto ao relatório e, por isso, apresenta potencial de gerar identificação do ouvinte com a narrativa e com ela própria.

Da mesma forma, a narrativa em primeira pessoa ajuda a audiência a imergir na perspectiva do narrador e pode provocar reações diversas, como riso, surpresa e identificação. A estratégia fica mais clara ao contabilizar palavras-chave, procedimento recomendado pela metodologia; neste trabalho, optou-se por analisar o uso do “eu”. O pronome foi citado por Giovana 65 vezes ao longo do primeiro episódio, como exemplificado neste trecho: “Eu cubro

meio ambiente há 20 anos, e às vezes eu sinto que eu tô enxugando gelo. A gente tá falando do fim do mundo, e ninguém escuta” (Tempo..., 2022). Ao utilizar a expressão popular “enxugar gelo”, uma metáfora para descrever um esforço inútil, a jornalista expõe sua frustração e sentimento de impotência diante da emergência climática. Já a expressão “fim do mundo” dramatiza a questão e reforça a gravidade do problema global. O trecho também sugere que há uma indiferença da população em relação às mudanças climáticas, ainda que o jornalismo evidencie a sua urgência.

Conforme Viana (2022), o jornalista, ao se inserir na história, rompe com as técnicas do jornalismo diário e se converte em um personagem. Kischinhevsky, Freire e Couto (2023) vão além ao afirmar que o uso da primeira pessoa coloca o narrador como protagonista da história. Assim, essa forma de narrar ajuda a criar laços entre apresentador e ouvinte, além de tornar a mensagem mais acessível e facilitar o engajamento.

### **Considerações finais**

Esta pesquisa teve como objetivo identificar as estratégias utilizadas pelo narrador-jornalista em busca de sensibilizar a audiência sobre as mudanças climáticas. Com base nos procedimentos metodológicos da análise crítica da narrativa (Motta, 2013), foram identificados recursos de linguagem que produzem efeitos de real e efeitos estéticos de sentido. No primeiro caso, foi constatado que o uso de dados estatísticos e a identificação de lugares e de instituições reconhecidas são exemplos de recursos utilizados para situar o ouvinte na realidade. Paralelamente, a linguagem informal e a narrativa em primeira pessoa, elementos comuns nos podcasts narrativos, ajudam a produzir efeitos estéticos e, por consequência, têm o poder de despertar emoções nos ouvintes, como medo e empatia. O uso de metáforas, por exemplo, aproximam o texto jornalístico da linguagem literária. Esses recursos removem a invisibilidade do repórter, comum nas *hard news*, e o apresentam como uma pessoa com posicionamentos e sentimentos, o que por um lado aproxima o ouvinte e por outro levanta reflexões éticas (Kischinhevsky, Fraga, Couto, 2023).

Em *Tempo Quente*, verifica-se o envolvimento pessoal da jornalista com a narrativa

(Lindgren, 2020) e a presença do ativismo ecológico característico do Jornalismo Ambiental apontado por Belmonte (2017). O uso de dados estáticos, por exemplo, não só situam o ouvinte na realidade, mas também cumprem uma função argumentativa que sustenta o ponto de vista da jornalista. Ao longo do episódio analisado, as falas de Giovana Girardi são geralmente acompanhadas por efeitos sonoros que ambientam o relato e convidam o ouvinte dentro da história, facilitando a imersão da audiência.

Como apontado por Loose e Girardi (2017), o jornalismo tem a função social de capacitar as pessoas com informação de qualidade sobre as mudanças climáticas e seus eventos extremos, graças à sua legitimidade e alcance, ainda que limitados. Neste contexto, as narrativas jornalísticas em podcast não apenas informam, mas humanizam os fatos e o próprio repórter. A linguagem informal e a narrativa em primeira pessoa não impedem o jornalista de cumprir o seu papel de informar e sensibilizar, ao contrário, tem poder de tornar a informação mais acessível e envolvente.

## Referências

ABPOD. PodPesquisa 2024-2025. 2024. Disponível em: [https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa\\_2024\\_2025FINAL-1.pdf](https://abpod.org/wp-content/uploads/2024/10/PodPesquisa_2024_2025FINAL-1.pdf). Acesso em: 30 dez. 2024.

BELMONTE, R. V. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**. v. 6, n. 2, p. 110-225, 2017. DOI: 10.26664/issn.2238-5126.6220176656. Disponível em: <https://comunicata.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/6656/3817>. Acesso em 07 out. 2024.

BUENO, Wilson da Costa. Imprensa e mudanças climáticas no Brasil: fontes hegemônicas e pouca atenção aos conceitos. **Razón y Palabra**, [S. l.], v. 17, n. 3\_84, p. 48-64, 2013. Disponível em: <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/308>. Acesso em: 9 dez. 2024.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, [S. l.], v. 15, 2007. DOI: 10.5380/dma.v15i0.11897. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em: 9 dez. 2024.

COELHO, Cíntia de Albuquerque Wanderley et al. **Mudança do clima no Brasil**: síntese atualizada e perspectivas para decisões estratégicas. Brasília: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, 2024. 106 p. Disponível em: <[https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/cgcl/arquivos/Relatorio\\_Mudanca\\_Clima\\_Brasil.pdf](https://www.gov.br/mcti/pt-br/acompanhe-o-mcti/cgcl/arquivos/Relatorio_Mudanca_Clima_Brasil.pdf)> Acesso em: 9 dez. 2024.

DOWLING, D. Audio immersion: the case of the podcast. *In*: DOWLING, D. **Immersive Longform Storytelling**: Media, Technology, Audience. New York: Routledge, 2019. cap. 5, p. 116-143.

FREIRE, M.; LOPEZ, D. C. Linguagem radiofônica e jornalismo: um estudo das estratégias estéticas das séries de reportagens da Rádio Eldorado. **Logos**, [S. l.], v. 18, n. 2, 2011. DOI: 10.12957/logos.2011.2158. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/logos/article/view/2158>. Acesso em: 27 dez. 2024.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). **Climate Change 2023**: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. [Core Writing Team, H. Lee e J. Romero (eds.)]. Genebra, Suíça: IPCC, 2023. 184 p. DOI: 10.59327/IPCC/AR6-9789291691647. Disponível em: <<https://doi.org/10.59327/IPCC/AR6-9789291691647>>. Acesso em: 9 dez. 2024.

KISCHINHEVSKY, M.; FRAGA, K.; COUTO, L. Considerações sobre a narrativa em primeira pessoa no podcast Praia dos Ossos. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana–MG, v. 14, n. 03, p. 113-139, out./dez. 2023. Acesso em: 29 set. 2024

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, p. 73-80, 1 nov. 2018.

LINDGREN, M. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. **Radiofonias** — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 112-136, jan./abr. 2020.

LONGHI, R. R.; WINQUES, K. A EVOLUÇÃO MULTIMODAL DO LONGFORM: formatos digitais que consolidam o jornalismo lento. *In*: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, 2024. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/a-evolucao-multimodal-do-longform-formatos-digitais-que-consolidam-o-jornalismo?lang=pt-br>. Acesso em: 27 set. 2024.



XVII SIMPÓSIO NACIONAL DA ABCIBER – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Universidade do Estado de Santa Catarina. De 04 a 06 de dezembro de 2024.

LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T. O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **Interin**, Curitiba, v. 22, n. 2, p. 154-172, jul./dez. 2017.

LOOSE, E. B. **Jornalismo e mudanças climáticas desde o sul**: os vínculos do jornalismo não hegemônico com a colonialidade. 253 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

MCHUGH, S. The narrative podcast as digital literary journalism: Conceptualizing S-Town. **Literary Journalism Studies**, v. 13, n. 1-2, p. 101-130, 2021.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013. 254 p.

PRÊMIO Vladimir Herzog anuncia os finalistas da 44ª edição. **Abraji**, 5 out. 2022. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/premio-vladimir-herzog-anuncia-os-finalistas-da-44a-edicao>. Acesso em: 03 out. 2024.

SCHÄFER, M. S.; PAINTER, J. Climate journalism in a changing media ecosystem: Assessing the production of climate change-related news around the world. **WIREs Climate Change**, v. 12, n. 1, 21 ago. 2020.

TEMPO QUENTE: Alerta Vermelho. [Locução de]: Giovana Girardi. Rio de Janeiro: Rádio Novelo, 07 jun. 2022. *Podcast*. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/tempoquente/alerta-vermelho/>. Acesso em: 14 out. 2024.

TEMPO Quente. **Rádio Novelo**. 2022. Disponível em: <https://radionovelo.com.br/originais/tempoquente/>. Acesso em: 03 out. 2024.

VIANA, L. **Jornalismo narrativo em podcasting**: imersividade, dramaturgia e narrativa autoral. 2022. 282 p. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

VICENTE, E. Podcasts narrativos de não ficção: um olhar sobre a produção brasileira. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 11, n. 21, 2024. Disponível em: <<https://www.revistaeic.eu/index.php/raeic/article/view/554>> Acesso em: 13 dez. 2024.